

39º Encontro Anual da ANPOCS

SPG12 – Organizações, Estado e violência: múltiplos sentidos da ação coletiva

SANTO AMARO: Coesão Social em território de tráfico – a (im) possibilidade local de consolidação de uma Eficácia Coletiva

Patrícia Correia de Oliveira

Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE), integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas de Segurança da UFPE.

1. Introdução¹

Em Recife, cotidianamente, notícias sobre os bairros populares e as favelas da cidade chegam à casa de milhares de pernambucanos, através dos comentados programas de notícias policiais². Tais notícias geralmente trazem informações de homicídios, apreensão de drogas ilícitas e prisão de homicidas e traficantes não só nas diversas áreas do grande Recife, mas também do estado. A cobertura feita pela mídia local sobre a dinâmica do crime e da violência em Pernambuco, com destaque para a capital e região metropolitana, revelam, seja pelo depoimento da polícia ou de populares que, os crimes violentos geralmente estão relacionados às atividades provenientes do comércio varejista de drogas ilícitas.

A ênfase sensacionalista das emissoras locais não dá conta da complexidade das dinâmicas sociais onde tais fatos acontecem, no entanto, corrobora com o que estudos recentes vêm apontando na área da violência e do crime. Segundo Beato *et al* (2000, p.399), a ocorrência de crimes contra a pessoa (homicídios e tentativa de homicídios) são mais frequentes em bairros populares e favelas, e têm suas motivações diretamente relacionadas às interações provenientes do comércio varejista de drogas ilícitas, tais como: compra e venda, consumo e os mecanismos, quase letais, de cobranças de suas dívidas.

O bairro de Santo Amaro, localizado ao norte da capital pernambucana, apresenta-se como um espaço típico-ideal desse fenômeno, onde, por décadas, ele figura como um dos mais violento da cidade, assim como um local de intensa atividade das redes de tráfico de drogas, as quais estão diretamente relacionadas à produção da violência local (SILVA, 2014; SANTOS, 2013; CUSTÓDIO, 2012; DA SILVA *et al*, 2011). Tais redes possuem forte poder de cooptação e recrutamento de adolescentes e jovens, em atividades que geram um montante considerável de dinheiro, que usam de poder bélico moderado, forjando entre os seus membros uma maior possibilidade de se tornarem tanto protagonistas quanto vítimas de atos violentos e/ou de violência letal.

¹ Este artigo apresenta algumas reflexões e achados de campo de minha pesquisa de mestrado que se encontra em andamento (tratamento e análise de dados).

² Em uma rápida troca de canal, no horário de almoço, é possível acompanhar, em pelo menos três emissoras diferentes, notícias policiais sobre a ação de traficantes, prisões, assaltos e homicídios ocorridos não só na capital, como em todo o estado. Dentre tais programas destacam-se o Bronca Pesada (TV Jornal/SBT); Ronda Geral (TV Tribuna/Band) e O Balanço Geral PE (TV Clube/Record).

O bairro de Santo Amaro, figura também como um espaço de forte resistência política e social, seja por driblar os arranjos da especulação imobiliária ao longo de décadas³, ou seja, pelas lutas e conquistas de direitos básicos e de infraestrutura para os seus diversos territórios. Fazendo da forte mobilização e as diversas conquistas, características marcante entre os residentes da localidade.

Percebe-se que tais características são frutos de mobilizações e conquistas através da articulação e de ações tanto de organizações, moradores e lideranças internas quanto de organização e lideranças externas à comunidade (SANTOS, 2013; CUSTÓIO, 2012). Conseqüentemente, a participação e o envolvimento da população local, através de suas lideranças internas e externas, na busca por soluções para seus problemas cotidianos, apontam que, no bairro de Santo Amaro, exista certo grau de coesão social, percebidos, principalmente, na infraestrutura do bairro e nos diversos equipamentos públicos presente em seus territórios.

O breve panorama acima explicitado evidencia que, no bairro de Santo Amaro, a coexistência da coesão social e da intensa atividade do tráfico de drogas, resulta numa equação perversa, observada, principalmente, nos números expressivos de homicídios⁴ no bairro. Diante do exposto, o objeto principal deste artigo é tentar compreender quais são os recursos utilizados pelos moradores, lideranças e organizações comunitárias e não governamentais, para acessar mecanismos de prevenção e controle da criminalidade violenta no local. Procurando assim identificar quais são as possibilidades ou impeditivos de conversão da coesão social percebida em uma Eficácia Coletiva, ou seja, a consolidação de mecanismos informais de controle do crime e da violência.

2. O bairro de Santo Amaro: Contextualização histórica e Geográfica

Historicamente o bairro de Santo Amaro é um dos mais antigos da cidade do Recife. Sua origem remonta ao ano de 1681, tendo, como marco inicial a construção de uma capela dedicada a Santo Amaro, conhecida como “Santo Amaro das Salinas”, santo

³ Segundo uma liderança local a questão da legalização da posse da terra é uma das principais lutas da comunidade para driblar os arranjos da especulação imobiliária no local: *A questão da legalização da posse da terra tem que focar, por que hoje a especulação imobiliária é muito grande. Ela é grande, é muito forte. E a João de Barros não sai da linha, né? Por que quer queira, quer não aqui a gente tá rodeado [pelo centro, por bens e serviços públicos e privados]. A gente tá perdendo para quem tem dinheiro. O poder econômico hoje é muito alto nas mãos dos empresários.* (E. Homem, 50 anos).

⁴ Vide Custódio, op. cit., página 43, gráfico 5.

que dá nome ao bairro. Segundo historiadores, os bairros mais centrais, dentre eles o de Santo Amaro, foram povoados, principalmente, por grandes levadas migratórias oriundas de diversas regiões do estado, pessoas que procuravam contornar problemas financeiros provocados pelo declínio da monocultura do açúcar ou por desastres naturais, no final do século XIX e início do século XX:

[...] ondas migratórias integradas por filhos das elites decaídas de várias regiões [...], e sobretudo pelas massas pobres e miseráveis da zona açucareira, às quais se somavam as vagas periódicas de fugitivos que buscavam salvação em face de catástrofes como a seca. No Recife, essas massas formariam os aglomerados de mocambos nas periferias ou se instalariam nas áreas pantanosas mais próximas ao centro. Nas áreas alagadas, menos valorizadas, plantaram mocambos de palha, papelão, flandres [...] o espaço urbano foi sendo gradualmente ampliado para atender ao crescimento populacional. (ARRAIS, 1998, p. 43)

Ainda segundo Arrais, as demandas que surgiram junto com o crescimento populacional não planejado do Recife, trouxeram algumas melhorias positivas promovidas pelo capital europeu de origem inglesa, tais como: água canalizada, estrada de ferro, bonde de tração animal, telegrafo, telefone manual, “de tal forma que em 1900, sob certos aspectos Recife já podia ser chamada de cidade moderna.” (ARRAIS, 1998, p.44). Essa ‘modernidade’ percebida e vivenciada na cidade contrastava com mudanças significativas no quadro social que ali se desenvolviam, principalmente com o aumento da criminalidade e da violência:

Quase diariamente os jornais do Recife destacavam na cidade um crime qualificado como ‘bárbaro’: espancamento, assassinios a peixarada⁵ ou paulada. [...] Os ambientes geradores de crime podiam ser localizados no mapa da cidade: áreas onde se concentravam os mocambos, como Santo Amaro e Afogados [...] (ARRAIS, 1998, p. 72, grifos do autor).

A pesquisa do historiador Raimundo Arrais, sobre o Recife, o apresenta como uma “cidade perigosa”, este perigo estava geograficamente localizado nos bairros de Afogados e Santo Amaro. Evidenciando que Santo Amaro, no início dos anos de 1900, já apresentava uma dinâmica violenta e criminógena que perdurou ao longo dos anos e pode ser percebida até hoje.

⁵ Nome dado ao ferimento provocado por uma faca tipo peixeira, um tipo de facão de uso doméstico, porém muito utilizado na região nordeste como arma branca.

Porém os contornos geográficos dessa dinâmica, dentro do bairro, também são bem delimitados e concentram-se principalmente em suas áreas remanescentes dos mocambos e alagados, conceitualizados, pelo IBGE, como áreas subnormais.

Na década de 1980, a Prefeitura da Cidade do Recife, passou a categorizar essas áreas como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)⁶. No bairro existe duas “ZEIS”: a “ZEIS” Santo Amaro, composta pelos territórios da Ilha de Santa Terezinha, Santo Amaro (Sítio do Céu e Vila dos Pescadores) e Vila dos Casados. E a “ZEIS” João de Barros, composta pelo território de mesmo nome, onde venho desenvolvendo a minha pesquisa.

É um bairro bastante heterogêneo, com áreas residenciais muito pobres, áreas residências de classe média e classe média alta e grande concentração de equipamentos públicos e de comércio. Essa heterogeneidade é caracterizada principalmente por uma grande desigualdade econômica e social, dessa forma, para alguns moradores, o santo que dá nome ao lugar, também serve de analogia, quando refletem sobre as condições econômicas e sociais de seus territórios dentro do bairro como um todo: *“aqui existem dois lados: o lado do Santo [referindo-se as áreas do bairro de comércio e de classe média e média alta] e o lado do Amaro [referindo-se as áreas ZEIS do bairro]”*.

Em uma escala mais ampla, geograficamente, o bairro de Santo Amaro está situado na Região Político Administrativa 01 (RPA-01), considerada como “RPA” Centro, por fazer fronteira com todas as demais “RPA’s” do Recife. Fazem parte dessa “RPA” os bairros do Recife, Boa Vista, Cabanga, Ilha do Leite, Paissandu, Santo Antônio, São José, Soledade, Coelhoos e Ilha Joana Bezerra.

Santo Amaro, localiza-se mais ao norte da capital e faz fronteira com o município de Olinda. O bairro é cortado por vias de grande importância para a cidade do Recife, como a Avenida Agamenon Magalhães que liga a Zona Sul à Zona Norte; a Avenida Cruz Cabugá, que liga a Zona Norte ao Centro – e a Avenida Norte Miguel Arraes de Alencar, que liga o subúrbio ao Centro.

Essas vias facilitam a circulação dos residentes, para diversas localidades da cidade e até aos municípios vizinhos com uma grande oferta de transporte para toda a parte da cidade e até mesmo acesso ao Centro em poucos minutos de caminhada.

⁶ Em 2001 as ZEIS passou a fazer parte do Estatuto da Cidade, em seu Art. 17 diz que as ZEIS são *“Áreas de assentamento habitacionais de população de baixa renda, surgidos espontaneamente, existentes, consolidados ou propostos pelo Poder Público, onde haja possibilidade de urbanização e regulação fundiária.”* (Prefeitura da Cidade do Recife, 2001).

Para um dos entrevistados, as vias presentes no em torno do território da João de Barro, tem outra função, servindo dia e noite de, segundo suas palavras: “*drive thru da droga: é só passar, buzinar, pegar, pagar e seguir*”. (J. Homem, 39 anos).

Outra via importante na localidade é avenida Jayme da Fonte, localizada entre a Cruz Cabugá e a Agamenon Magalhães. Chamada popularmente entre os moradores de “Faixa de Gaza”, sua importância viária não é tão expressiva quanto às demais vias supracitadas, no entanto, ela parece, em pelo menos dois relatos como um dos elementos que, ao longo dos anos, deu impulso à rivalidade entre os territórios do bairro de Santo Amaro, a comunidade do Campo do Onze, localizada na “ZEIS” Santo Amaro/Sítio do Céu e a Vila dos Casados, referindo-se a união entre os residentes da “ZEIS”.

Que não era assim, que era uma comunidade totalmente unida. Apesar que **não tinha a divisão da avenida** [Jayme da Fonte], nesse tempo era mangue, era mangue, muito plantação, terrenos. E era uma comunidade que era uma só. E começou o crack a chegar aqui, começou as drogas chegar aqui, ai já foi gerando traficantes, querendo uma tomar posse. Tomou posse de terras daqui, tomou posse de lugares. (W. Homem, 24 anos, grifos meus).

Em outra passagem de sua narrativa, ele aponta que o advento da Avenida, ao longo dos anos, passou a determinar a configuração das dinâmicas violentas pelo tráfico de drogas, caracterizados principalmente por períodos de rivalidades entre os dois territórios⁷, onde tais dinâmicas passam a afetar a vida de todos os moradores, envolvidos ou não com a produção da violência local:

A Vila dos Casados agora. Eu moro desse lado, de frente por outro lado que se chama Campo do Onze, aonde o povo tem essa costume de [...]. Campo do Onze é só um lado que tem, [...] pega a Jayme da Fonte até a rua do Mercado, que é até na Cruz Cabugá. Que é rival contra o lado que eu moro, o que divide essa gangue é só uma pista. A pista, a avenida que divide a comunidade, tem pessoas que não vai ao Shopping, por que não pode passar por lá com medo. Mesmo que não esteja envolvida com medo dessa guerra. (W, Homem, 24 anos).

⁷ Para maiores informações sobre os conflitos nos territórios de Santo Amaro ver SILVA, Vívian. **Guerra e Vida Errada**: reflexões sobre representações (sociais) da violência urbana, a partir dos relatos de jovens em Santo Amaro. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

Para outro entrevistado, a construção da Avenida Jayme da Fonte, fez com que netos e filhos dos antigos moradores, passassem a não compartilhar mais o mesmo espaço, embora poucos metros os separem um dos outros. A instalação do comércio de drogas, também fez com a amizade e confiança de outrora dessem lugar à desconfiança e o medo de transitar áreas dominadas por redes de tráfico rivais, separadas apenas por uma avenida ou pela “Faixa de Gaza”:

O que aconteceu a Jayme da Fonte foi o seguinte: os antigos moradores, pais, mães avós que eram amigos, antes da avenida, se separaram quando ela foi construída. Daí os filhos, netos e outra gerações desses moradores, passaram a ficar mais distantes um dos outros. E quando o tráfico chegou, eles pararam de vez de andar um do lado do outro. (J. Homen, 39 anos).

As considerações histórias e geográficas podem parecer um pouco extensiva, para os limites deste artigo, porém são elementos importantes para a compreensão do contexto social em que bairro de Santo Amaro está inserido. Um contexto social onde fenômenos sociais de diversa natureza se apresentam, dentre estes o crime e a violência.

A categorização desse contexto através de sua História e de sua Geografia nos permite compreender estes fenômenos não só pelo prisma dos agentes e das vítimas, mas também, levando em consideração o espaço social, os “traços de lugares” e as estruturas físicas, em que estes se desenvolvem. Dentro desta perspectiva, adota-se aqui uma abordagem ecológica do crime (PARK E BURGUESS, 1925; SHAW & MCKAY, 1942), surgida na cidade de Chicago no início dos anos de 1940. Das quais a Teoria da Eficácia Coletiva (SAMPSON *et al*, 1989; 1997; 1999; 2002; 2012), surge como um importante avanço teórico-metodológico, para compreensão da variação nas taxas de crimes e de violência, assim como, dos mecanismos formais de prevenção primária, em contextos urbanos contemporâneos. Dessa forma, a Teoria da Eficácia Coletiva, será aqui utilizada como a principal lente teórica norteadora das minhas primeiras reflexões sobre o bairro de Santo Amaro, com ênfase para o território da João de Barros.

3. Coesão Social e Eficácia Coletiva no território da João de Barros: primeiras impressões

A Teoria da Eficácia Coletiva desenvolvida por Sampson e seus colegas (1989; 1997; 1999; 2002; 2012), é tributária direta das abordagens ecológicas do crime, desenvolvidas pela Escola de Chicago. Principalmente da Teoria da Desorganização Social, desenvolvida por Shaw e Mckay (1942), a partir de análises de mais de 30 anos dos registros de delinquência juvenil, cujos resultados foram apresentados no livro *Juvenile delinquency and urban áreas* (1942).

De maneira geral, a Teoria da Eficácia Coletiva, surge com o objetivo de superar os limites, empíricos e teóricos, que a Teoria da Desorganização Social, A TDS, segundo Cerqueira e Lobão (2004),

Trata-se de uma abordagem sistêmica cujo enfoque gira em torno das comunidades locais, sendo estas entendidas como um complexo sistema de redes de associações formais e informais, de relações de amizade, parentesco e outras que, de alguma forma, contribuam para o processo de socialização e aculturação do indivíduo. Essas relações seriam condicionadas por fatores estruturais, como status econômico, heterogeneidade étnica e mobilidade residencial (Op. cit., p. 238).

A preocupação de Shaw e Mckay, era com a crescente imigração e migração para áreas pobres e decadentes da cidade de Chicago, a intensificação desse processo nestas áreas levaria ao esgarçamento dos laços vincinais e familiares, que dificultava a introjeção, por parte da população local, da moral e das regras vigentes, gerando ambientes propensos ao crime e à violência. A ideia principal é de que a ordem social, a estabilidade e a integração contribuem para o controle social e a conformidade com as leis, enquanto a desordem e a má integração conduzem ao crime e á delinquência. Segundo os autores, quanto menor a coesão e o sentimento de solidariedade entre o grupo, a comunidade ou a sociedade, maiores serão os índices de criminalidade.

Em linhas gerais, a TDS, leva em conta a forma como o espaço estrutural está organizado socialmente e de como este interfere nas formas de comportamento das pessoas, dentro dessa perspectiva, a preocupação é com a forma de organização social distintas, que criam padrões ecológicos urbanos distintos e que interferem diretamente na produção de comportamentos indesejáveis, tais como: consumo excessivo de álcool e drogas nas ruas, som alto, dentre outros, inclusive o crime.

Para Sampson e seus colegas, não só os elementos estruturais e sociais da organização dos espaços podem “promover” ou “coibir” o comportamento indesejado, mas também os arranjos vicinais que ali se desenvolvem. É nas vizinhanças, dos grandes cidades urbanas contemporâneas, onde estruturas e processos sociais se interrelacionam com padrões contextuais bastante definidos. Nesta perspectiva, ênfase é dada a importância do lugar aonde vizinhanças se desenvolvem, como um contexto fundamental para compreender os efeitos generalizados do crime, percepção de ordem e desordem e a organização social.

Analiticamente, Sampson, desloca o seu foco do indivíduo para o efeito que a vizinhança promove no controle ou não de comportamento indesejado dentro de determinado contexto social. Sampson e seus colegas procura correlacionar as escolhas num plano individual, com a natureza da organização social da vizinhança. Ou seja, vizinhanças com ricas vidas organizacionais favorecem mecanismos de controle social informal e formam bases para expectativas comportamentais que reforçam ou promovam a confiança entre os moradores.

Os conceitos de *desordem física* e *desordem social* são conceitos caros utilizados pela abordagem ecológica e contextual, para compreender não só dinâmicas inerentes a atividades transgressoras, como também, a diferenciação nas taxas de incidência de crimes, em vizinhanças distintas. A desordem física é caracterizada pelos aspectos estruturais de uma vizinhança, tais como, presença de terrenos baldios, lixo na rua, casas abandonadas, ruas sem iluminação. E a desordem social é caracterizada por espaços urbanos, em que há uma presença significativa de redes de tráfico, com interações de mercados aos olhos de todos os residentes, assim como, o consumo dessas drogas. De acordo com essa abordagem, espaços urbanos caracterizados física e socialmente como desorganizados são espaços ou territórios que apresentam maior probabilidade de acontecer crime e violência, principalmente a violência letal interpessoal.

Durante as atividades de campo, em determinados aspectos, os relatos dos interlocutores e a observação *in lócus*, delinearam contornos bem definidos de um espaço desorganizado física e socialmente, no entanto o que se percebe, que mesmo com tais contornos, o território da João de Barros vem passando por uma relativa calma. Evidenciada pelos sujeitos da pesquisa pelo fato de que, há pelo menos dois anos, não ocorre nenhum homicídio na localidade. Muito embora, abertamente perceptível, o

comércio varejista de drogas ocorra de forma aberta e a qualquer horário do dia e da noite. A seguir algumas considerações sobre o território e a “desordem” percebida.

3.1. O território da João de Barros

João de Barros nasceu. João de Barros é a comunidade... é uma das comunidades mais velhas do bairro de Santo Amaro, ela já tem 100 anos. Quase 100 anos.

João de Barros nasceu através de um nome de um... de aterro que o pessoal fez nos mangues. Mas a história da João de Barros hoje ela vem no sentido do seguinte: o antigo, a rua, a avenida João de Barros, ali. Ela tinha a primeira Associação de Futebol do bairro de... a primeira Associação de Futebol de Pernambuco que hoje é a Federação Pernambucana de Futebol, ela era aqui em João de Barros. E tinha um time de futebol como o nome de João de Barros. E esse time, João de Barros, aqui nessa área aqui, que era mangue, chácara, esse pessoal foi que aterrou e ia fazer o Campo João de Barros. Aí surgiu o nome da comunidade João de Barros, que não fizeram o campo. Por que não fizeram o campo? Que na época a Federação Pernambucana de Futebol convidou o pessoal do Rio de Janeiro e fundou a América Futebol Clube, o nome do América Futebol Clube era o antigo nome, era João de Barros. (E. Homem, 50 anos)

O relato acima contextualiza um pouco a história do surgimento da João de Barros. Localizado entre dois viadutos, o viaduto de mesmo nome e o viaduto da Avenida Norte, é uma área relativamente pequena, com aproximadamente, segundo um dos interlocutores, 1.210 habitantes, distribuídos em 220 casas. Em uma conta rápida teríamos cerca de 5,5 residentes por domicílios. Os dados ele puxa da cabeça e me diz que foi de um “censo” realizado pelos próprios moradores no ano de 2014, porém não conseguiu encontrar tais informações consolidadas⁸.

O número de residentes é bastante significativo, principalmente, por apresentar casas pequenas, todas de alvenaria e com reboco nas paredes, sem quintal ou área de circulação ao seu redor. O que evidencia um fenômeno interessante na comunidade à verticalização espontânea do território. Segundo observação e relatos de um dos

⁸ Não foi possível encontrar referências atualizadas dos dados do bairro no site da Prefeitura da Cidade do Recife. Os dados repassados pelo entrevistado, são de 2014 e segundo ele, fazem parte de um levantamento local realizado em parceria com Universidade Católica de Pernambuco. Infelizmente ele não possui os dados e não passou nenhum contato, até o momento, dos responsáveis pela pesquisa.

interlocutores, a maioria das casas possui um ou dois pisos, as construções foram feitas com recursos próprios dos moradores, segundo um dos entrevistados:

Aqui, graças a Deus, a área agora ta se evoluindo. O povo ta levantando, primeiro, segundo andar. A família vai crescendo, não quer sair daqui, porque aqui é Centro. Os ônibus passam tudo lotado, daqui a gente vai a pé andando, pela cidade. (E. Homem, 50 anos)

Durante as incursões *in lócus*, outras mudanças estruturais importantes foram percebidas, tais mudanças deve-se principalmente ao calçamento das ruas, vielas e becos, sistema de esgotamento sanitário, presença de uma creche (construída a partir das reivindicações comunitárias) e a presença de uma escolinha comunitária.

Um importante equipamento público existente na localidade é o Programa Academia da Cidade, um programa que tem como objetivo a recuperação de espaços, antes inutilizados, para a construção de equipamentos de esporte e lazer e atividades, ministradas por estudantes de Educação Física, como ginástica e caminhada. O Programa é mantido e coordenado pela Prefeitura da Cidade, encontram-se no local: dois campinhos de futebol de terra batida, pista para caminhada, pátio para a prática de exercícios físicos, com equipamentos em cimento e barras de ferro, a sede da Academia da Cidade, um pequeno parquinho com 4 brinquedos de cimento e um trailer da Polícia Militar, o Posto de Policiamento Ostensivo (PPO).

A ocupação de espaços físicos, antes abandonado e depredado, transformando-o em um espaço de lazer, prática de esportes e socialização, tendo como foco principal a promoção da saúde, mas também a prevenção à violência. Corrobora com o que aponta a abordagem ecológica e do contexto, no que diz respeito aos mecanismos de prevenção primária do crime e da violência, principalmente a partir do seu conceito de “desordem física”, acima explicitado.

No entanto, observando as condições estruturais básicas da comunidade, percebe-se que: todas as ruas, há apenas duas principais que entram carros e até caminhões, becos e vielas são calçadas; há esgotamento sanitário; todas as casas são de alvenaria, com um forte processo de verticalização da comunidade; todas as vidas são iluminadas. Por ser uma geograficamente pequena, no território é possível perceber que, muitas pessoas usam as ruas, ruelas e becos como uma “extensão da casa”, ou seja, as roupas são estendidas nas paredes das casas, baldes para armazenar água ficam em

calçadas minúsculas, as pessoas costumam sentar-se na porta de casa ou no terraço e conversarem umas com as outras, compra-se e se limpa peixe (um peixeiro que passa de bicicleta vendendo seus produtos na comunidade) na porta de casa, na hora do almoço.

Porém se por um lado, na João de Barros, as condições estruturais são vistas como ponto positivo para se viver ali, por outro a intensidade do comércio varejista de drogas ilícitas, é uma das grandes preocupações locais mais evidentes. As interações provenientes deste comércio corroboram com o conceito de “desordem social”, já que, há um intenso e expressivo comércio de drogas ilícitas, em vários pontos da comunidade, dentre eles: A) a Academia da Cidade, próximo ao PPO; e B) a saída de umas das ruas principais. Perto do final da tarde o ponto B é comum ver grupos de 4 a 5 pessoas, mulheres e homens, jovens e adultos, parados como flanelinhas, fazendo sinais para o carro, estes param, compram e seguem.

São horários e locais de maior intensidade, porém, não se restringe a estes, em qualquer rua da comunidade é possível ver uma transação acontecendo, mesmo para mim que sou de fora.

Os consumidores chegam a pé, de bicicleta, com crianças no colo, ou crianças carregadas pelas mãos. São homens e mulheres, de todas as idades. Segundo relato dos entrevistados, são dois os tipos de consumidores do local: 1) os de classe média-média e média-alta; e 2) os pobres e “debilitados” pelos consumo de crack. A maioria não é do bairro, os do tipo 1, vem de bairros de classe média próximos, podendo vir também da Zona Sul. Passam em seus carros, caracterizando o que o entrevistado acima chamou de *drive-thru* da droga. Os do tipo 2 são de bairros e comunidades próximos: Coelhos, Caranguejo, Tabaiães, Coque, dentre outros.

Em várias incursões ao campo pude presenciar transações de compra, venda e consumo de drogas ilícitas, a que me mais me marcou foi a que aconteceu no meu primeiro dia de campo. O relato que se segue foi extraído do registro de campo.

Fiquei na praça esperando o meu entrevistado. Em determinado momento vejo alguém se aproximar minha esquerda, um homem que aparentava ter uns 40 anos, branco, estava de bermuda jeans, camisa do Náutico e chinelos tipo percatas. Ao se aproximar do grupo de jovens, sentados na seda da [...], eles faz um sinal com a mão, um jovem respondeu e logo depois ele faz outro sinal dizendo que vai passar direto. Discretamente o jovem bate com a mão esquerda no chão, indicando para ele sentar ao seu lado. O homem senta, ele destoa do grupo, estava limpo, de

camisa, calçado, etnicamente era diferente também. Ao sentar o jovem se levantou, entrou em uma das vielas da comunidade, demorou alguns minutos, ao voltar percebe-se que ele coloca algo no chão, que fica um pouco atrás do homem. Neste momento o homem passa a sua mão para trás, puxa a sua carteira e entrega ao rapaz um dinheiro. De onde eu estava não deu para ver qual o valor. Se levanta e segue o seu caminho, sentido a Av. João de Barros. Isso tudo há poucos metros da polícia. Achei curioso e ao mesmo tempo tive receio de que alguém percebesse que eu estava observando, por ser meu primeiro dia no local, não queria arrumar problemas. Mas discretamente consegui ver toda a transação da venda e de como ela aconteceu poucos metros do policial que ali estava sentado.

[...] Em determinado momento o cheiro do campo, foi um cheiro forte de *canabis sativa*, o cheiro me chamou atenção, viro-me para o lado e vejo que o grupo de jovens, agora estava localizado à minha esquerda e tinham começado a fumar maconha, ali mesmo na praça, na frente de adolescentes, crianças. De onde eu estava não foi possível ver se o policial estava lá no PPO.

[...] Em dado momento, em nossa frente, duas jovens do sexo feminino, com roupas muito curtas e barriga de fora, estavam em pé, com um pote de plástico, onde parecia ter salgadinhos, conversavam com um rapaz de bicicleta. Neste momento, outro rapaz de bicicleta se aproxima, tiro o olhar e quando volto o olhar pra cena, e vejo o jovem que acabará de chegar se despedindo da jovem com o porte de plástico na mão e com salgados dentro. Porém, o seu cumprimento lembra muito cumprimento de quem está passando algo de uma mão à outra, típico das transações de venda de drogas ilícitas. A impressão que tive foi que ele tinha acabado de comprar algo e seguiu rua da creche, a rua Arnóbio Marquês.

No relato dos entrevistados, o tráfico e o consumo de drogas, aparece como um dos problemas mais difíceis de ser “sanados” dentro do território, já que grande parte de seus problemas estruturais, hoje em dia, já estão resolvido. Como problema ele é sempre referenciado de forma baixa, quase que sussurrante evidenciando o medo de que a conversa possa ser ouvida por terceiro envolvidos em suas dinâmicas.

Os tipos de drogas consumidas pelos diversos consumidores foram explicitados por um dos entrevistados:

São pessoas de fora e moradores. Mais de fora não, são da comunidade. Veja só a maconha... vende mais maconha. Até por que, o crack, é mais para aqueles usuários de fora, que tem uma cabeça tipo assim: boa, compra, usa a sua droga e vai simhora. Mas também tem aqueles usuários daqui que são reféns do crack, que são escravizados pelo crack. Roubam, furtam, pra comprar o crack. Fazem tudo pelo crack. E são da comunidade. Que são jovens que tinham suas famílias, tem as suas coisas e perderam por conta do vício. E traficante sabendo disso ele empurra mais, vende fiado. (W. Homem, 24 anos).

Para ele ainda, o consumo, principalmente, do crack por jovens locais podem leva-los à morte ou a cadeia,

Porque no momento que ele comprou, teve um momento que ele fez a sua vontade, mas teve um momento que comprou fiado, teve um momento que ele teve que roubar pra fumar... e acaba sendo morto, e acaba sendo preso. (W. Homem, 24 anos).

Para outro entrevistado, a preocupação maior é que crianças passem a se envolver nas transações do tráfico de drogas,

(...) tem um tráfico de drogas muito ativo dentro da comunidade onde muitas pessoas se preocupam mais de está vendendo a droga, hoje, eu tenho essa preocupação dentro da comunidade, dou graças a Deus de não ter criança nem, de 10 ou 12 envolvidos. (...) Aí tem pessoas de família que hoje, tem isso como fonte de renda. (E. Homem, 50 anos).

As observações de campo, e o breve relato de alguns dos interlocutores dessa pesquisa, aponta que, no momento, o comércio de drogas no local está pulverizado, cada um vende o seu produto e divide o mesmo espaço físico. Embora tenha um Posto de Policiamento Ostensivo, na principal praça da cidade, o tráfico ocorre ali a qualquer hora do dia, com ou sem a presença do policial responsável.

Ao que parece, não há perspectivas de mudança para a questão do comércio de drogas ilícitas no local, um problema que existe e sempre existiu na João de Barros:

Não, muda não, por causa do dinheiro fácil. E a população hoje, não só a minha Patrícia, ela acostudou-se com aquele dinheiro fácil e hoje a própria justiça também. Ela quando inventa que o cara entra na cadeia daquela, com tudo que tem aqui fora: tem mulher, tem alimentação, ele tem a feira, tem aquele dia a dia que a gente sabe que não vai acabar. (E. Homem, 50 anos).

A intensa venda e consumo de drogas no local, indicam haver certo descaso (ou acordos?) entre tais dinâmicas e ação policial. No entanto, as rondas dos agrupamentos especiais da Polícia Militar (ROCAM e GATI), causa receio nos que estão praticando a venda ou consumindo a droga na localidade. Certa vez presenciei quando uma vendedora recebeu um avido de um de seus clientes, um senhor magro, que haviam acabado de saber que 08 policiais da ROCAM, estavam no território do Campo do Onze, fazendo uma batida policial. Ou de quando, na madrugada (por volta das 2 da manhã), vi uma atuação do GATI, que deixou por de 40 minutos, uma jovem, em condicional, com os braços levantados, enquanto eles diziam que ia leva-la presa por quebra da condicional.

Mesmo o tráfico de drogas incomodando os residentes locais e sendo “incomodado” pela polícia. A população local não consegue criar mecanismos de contenção ou mecanismos que cessam tais atividades no território. Uma das premissas básicas da Eficácia Coletiva, é a predisposição local de intervir em comportamentos que possam trazer ameaças à estrutura comunitária (Sampson, 2009, 582), reforçados pelos laços de confiança. No entanto, em um ambiente, socialmente desorganizado, como o da João de Barros, mesmo que mecanismos de engajamento sejam acessados para as questões estruturais do bairro (desordem física), o mesmo não tem a mesma predisposição em relação às atividades do tráfico. O que pode ser justificado pela relação de proximidade entre os vendedores e os demais cidadãos, pelo medo de ser vitimizado, por não ter alternativas financeiras atrativas para os que fazem parte dessa dinâmica. São questões que ainda procuro compreender, a partir das leituras e das voltas constantes ao campo.

4. Coesão Social Eficácia Coletiva no território da João de Barros

Já foi explicitada aqui algumas considerações teóricas sobre a Teoria da Eficácia Coletiva, vale ressaltar ainda que ela surge como um arcabouço teórico metodológico que tem como objetivo compreender dinâmicas sociais capazes de inibir a ato criminoso e o desvio em determinadas localidades urbanas. Partindo de uma abordagem sistêmica da criminalidade nos bairros, dentro desta perspectiva, Sampson e seus colegas mostram que, a estrutura social de uma comunidade é representada na totalidade dos complexos conjuntos de associações entre os membros dos grupos de afinidade (*peer group*), grupos de parentesco e associações locais. É através dessas redes relacionais que as capacidades regulatórias de uma comunidade se atualizam. Ou seja, a importância da conexão entre confiança, de um lado, e controle social de outro.

Segundo Sampson, a coesão social só se torna um mecanismo importante na prevenção primária do crime, quando está se reflete em uma Eficácia Coletiva, onde, a Eficácia Coletiva é *“um meio pelo qual residentes de localidades urbanas inibem a ocorrência de violência pessoal, independentes da composição demográfica da sua população”*.

O foco de análise de Sampson, são os mecanismos informais de controle social do crime e da violência, ou seja, em comunidades que apresentam um alto grau de coesão social, ocorre também, um fortalecimento das relações primárias e dos laços de convivência que, em determinado momento, pode ser acessado pelos residentes, a fim de contribuir para a consolidação de estruturais informais de prevenção social da conduta criminosa que, não passa necessariamente pelo estado (policimento), como por exemplo, a *vigilância* da vizinhança nas atividades de rotineiras de adolescentes e jovens.

A Sociologia desenvolvida por Sampson é uma Sociologia analítica, que ele denomina de uma Sociologia do Contexto, dentro dessa perspectiva pode ajudar a compreender não só o fenômeno do crime e da violência, mas outros fenômenos que se desenvolvem nos bairros, comunidade e vizinhanças de grandes centros urbanos, como no caso de Recife. Talvez esse seja um dos pontos altos de sua teoria. Assim como, a sua preocupação com a importância do lugar, especialmente aquele lugar onde as vizinhanças se desenvolvem, como um contexto fundamental para compreender os efeitos generalizados do crime, percepção de ordem e desordem, organização social, dentre outros em uma metrópole contemporânea e tecnologicamente desenvolvida.

No caso da João de Barros e as referências feitas às relações interpessoais e os mecanismos organizativos do bairro, a referência é de que:

É uma comunidade que é unida, se une, reivindica. Juntos com as reuniões que tem, com os líderes comunitários. É uma comunidade ativa. (W. Homem, 24 anos).

Aqui somos todos unidos. Um gosta de ajudar o outro. Um dia desses, a casa de uma vizinha pegou fogo, se reuniu todo mundo para ir ajudar. Cada um pegava um balde de água e foi ajudar. Foi muita união. (P. Homem, 30).

Durante as conversas e incursões no território, era comum ouvir entre os interlocutores a confiança que existe entre os residentes. São pessoas que se conhecem desde criança, que partilham do mesmo espaço e dinâmica social, perguntados se tinham confiança de deixar seus filhos e bens (casa, por exemplo) sob a supervisão de outro vizinho disseram que com certeza o fariam. Nos finais de semana, é comum ver pessoas bebendo em família até tarde da noite, na Academia da Cidade, famílias, casais, jovens, adultos, idosos, acompanhados de suas crianças ou não.

À tarde a academia da cidade é ocupada por crianças, muitas delas sem supervisão de um adulto, visto que, a supervisão parental, segundo Sampson e Grove (1989), é um mecanismo importante de prevenção da violenta. Presenciei apenas um caso, de uma jovem mãe evangélica, ex-usuária de vendedora de drogas, que passa as tardes com seu filho na praça, com medo da influência dos jovens que a ocupam para a venda e consumo de drogas.

Segundo os entrevistados os serviços públicos prestados na João de Barros são de boa qualidade, geralmente equipamentos estaduais e municipais. No entorno do território há três escolas de referência, a creche municipal, posto de saúde, ônibus dentre outros.

A principal queixa dos entrevistados é com a polícia, principalmente no que diz respeito às poucas rondas policiais na localidade. Embora, alguns ressaltem a importância das rondas e do PPO, na prevenção dos homicídios no local, em relação ao tráfico de drogas, não. No entanto, perguntados se há algum canal de comunicação direto com a polícia local, um telefone, afirmam não haver. Segundo relato dos moradores, a polícia só age ali “se tiver um corpo no chão”, caso qualquer outra coisa,

de natureza diversa aconteça no território, e as pessoas vão procurar ajuda no PPO, eles mandam ligar para o 190.

Como já bastante evidenciado aqui, estruturalmente o território da João de Barros, apresenta condições satisfatórias para satisfazer as necessidades básicas dos residentes. Constantemente é referenciado a força política da comunidade, no engajamento por lutas e melhores no bairro. Uma das cinco externalidades do conceito de Eficácia Coletiva de Sampson e seus colegas, são eles 1) supervisão de adultos em atividades rotineiras de crianças, adolescentes e jovens; 2) intervenção de adultos, caso, tais atividades sejam atividades de riscos, relacionadas ao crime e violência; 3) predisposição em abordar pessoas suspeitas no bairro; 4) a solidariedade entre os vizinhos; e, 5) a ajuda mútua entre as pessoas. São variáveis explicativas que podem ajudar a mensurar os níveis de eficácia coletiva de um bairro qualquer. Variáveis que podem ser mensuradas através do roteiro de entrevistas (e, anexo), durante as atividades de campo.

A importância da Eficácia Coletiva para a compreensão do fenômeno da coesão social e mecanismos de prevenção primário do crime e da violência, principalmente por levar em consideração tanto as explicações estruturais e demográficas, levando em consideração o aspecto ecológico do espaço social ou situação onde a criminalidade violenta é desenvolvida. E em relação aos aspectos relacionais e os laços de confiança estabelecidos entre os residentes de uma determinada área geográfica, contribuem para efetivação de metas coletivas na prevenção e controle social do crime.

5. Considerações Finais

A oportunidade refletir sobre os primeiros achados do campo, me trouxeram mais inquietações que soluções para os problemas inicialmente pensados.

A partir da observação *in lócus*, no território da João de Barros, pude perceber, neste espaço a coexistência de duas dimensões importantes: uma que se refere à coesão social e outra às atividades do tráfico de drogas no local. A constatação de tal fenômeno me levou a algumas inquietações que mobilizaram a construção deste projeto de pesquisa, uma delas é compreender o grau de coesão social existente no bairro de Santo Amaro, ou se há mesmo coesão social entre moradores, organizações comunitárias, ONG's e órgãos do governo que atuam na comunidade.

A partir de uma metodologia qualitativa venho, ao longo dos meses, tentando compreender dinâmicas sociais presentes nos territórios de Santo Amaro. Utilizando de ferramentas qualitativas de inspiração etnográfica: entrevistas em profundidade e observação etnográfica. Pude participar de momento importante dentro de um dos territórios, um deles foi ficar até a madrugada, participando de um momento de descontração na Academia da Cidade com o facilitador do campo.

Como mais questionamentos que surgiram ao longo desse período, ainda faço incursões ao campo na tentativa compreender um pouco mais sobre o meio social em que estes estão inseridos, os residentes da localidade, assim, como as suas relações intra e extra bairro. Na tentativa de poder apontar para importantes experiências das e nas práticas cotidianas que fazem com que o bairro de Santo Amaro apresente tanto um forte mobilização social quanto uma intensa atividade do tráfico de drogas no local.

Ainda faltam as contribuições de atores importantes para a compreensão da Eficácia Coletiva no bairro, tais como às lideranças locais e externas. A necessidade de conversar com esses sujeitos, se deve, principalmente, à tentativa de compreender o entorno institucional em que esse bairro está inserido, quais são os principais atores e programas governamentais que impactam a vida dos moradores da localidade.

Os primeiros resultados obtidos dizem respeito: a) a força política da comunidade, referenciada durante as entrevistas realizadas; b) a observação das condições estruturais do bairro, com ruas calçadas, iluminadas, frutos de lutas sociais do bairro, evidenciando certo grau de coesão social dos moradores e lideranças internas e externas; c) a heterogeneidade econômica do bairro de Santo Amaro, que divide o seu espaço entre as “ZEIS” e as áreas de classe média; e) referência ao comércio ilegal de drogas.

Reflexos dessas características podem ser percebidos na mudança significativa na paisagem física do Santo Amaro como um todo, dentre elas podemos destacar: calçamento das ruas, vielas e becos, sistema de esgotamento sanitário, acesso à água potável, iluminação pública, presença de creche e escola comunitária, casas de alvenaria e um forte processo de verticalização das residências, posto móvel da Polícia Militar, equipamentos públicos como a Academia da Cidade, posto de saúde da família dentre outros.

Assim sendo, estudar a violência como um fenômeno social complexo, significa considerá-las em suas várias dimensões, dando tanto importância aos condicionantes estruturais como aos sociais. No debate atual, da tradição sociológica brasileira, a

dimensão da variável estrutural surge como mais uma dimensão na qual a criminalidade pode ser analisada. Nesta perspectiva, as abordagens ecológicas do crime, inspiradas nas teorias da Escola de Chicago, têm contribuído para explicação da diferenciação nas taxas de crimes, onde procuram responder por que alguns bairros possuem índices de criminalidade maiores do que outros. Um dos fatores que podem contribuir com, a diferenciação nas taxas de crimes e violências nos bairros, contribuir para a sua diminuição, está diretamente relacionado a capacidade local de regular a atividades crimonógenas, ou seja, criar mecanismos de controle informais do crime e da violência.

Ao que parece, os primeiros achados do campo, indicam seja pela fala dos entrevistados ou pelas observações etnográficas, que a certa coesão social no local, porém, especificamente, para as atividades do tráfico de drogas, devido à sua especificidade bélica e de geração de renda, tais atividades não conseguem ser inibidas no local, portanto não convertendo a coesão social, nos moldes explicitados por Sampson, em uma Eficácia Coletiva. Por outro lado, o bairro está livre há dois anos dos crimes violentos, quando perguntados o “por que”, os entrevistados não sabem dá respostas.

6. Referências bibliográficas

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife Culturas e Confrontos: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911: Natal**; EDUFRN, 1998. 248p.

BEATO, Cláudio. *Determinantes da criminalidade em Minas Gerais*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, 1998 p. 74-87.

BEATO, Cláudio e ZILLI, Luis Felipe. **A estruturação de Atividades Criminosas: um estudo de Casos. Belo Horizonte**, CRISP-UFGM. 2009. 30p. Disponível em: http://www.crisp.ufmg.br/arquivos/artigos_publicacoes/Estratvcriminosas.pdf. Acessado em 01/08/2010 às 09h.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. *O Recife e seus bairros*. Recife: Câmara Municipal, 1998. 166p.

CUSTÓDIO, Rosier. **Qualidade de vida e violência no bairro de Santo Amaro**. Recife: Provisual, 2012.

DA SILVA, Rita de Cácia Oenning; SHAW, Kurt. **Cartografia da Favela: Fortalezas comunitárias para resistir a violência em Recife e Olinda: Florianópolis e Santa Fé**; Shine a Light, 2011. 121 p. Disponível em:

<http://cartografiadafavela.blogspot.com.br/2011/10/livro-cartografia-da-favela.html>

Acessado em janeiro de 2014.

GASPAR, Lúcia. *Santo Amaro (bairro, Recife)*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 15 agosto de 2015.

HOUAISS, A. VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

RATTON, José Luiz; GALVÃO, Clarissa; ANDRADE, Rayan; PAVÃO, Nara. (2011), *Configurações de homicídios: um estudo da 13ª circunscrição policial da cidade do Recife*. In: **Segurança, Justiça e Cidadania**. Brasília: **Secretária Nacional de Segurança Pública**, Ministério da Justiça. Ano 3, 06, Coleção Segurança com Cidadania.

SAMPSON, R. RAUDENBUSH, S. & FELTON, E. *Neighborhoods and Violent Crime: a Multilevel Study of Collective Efficacy*, **American Association for the Advancement of Science**, vol 277, 1997. pp.918-924.

SAMPSON, R.J., & W. Byron Groves. *Community structure and crime: testing social-disorganization theory*. **American Journal of Sociology** 94, n°. 4: 774-802. Reprinted in Frances Cullen and Velmer Burton, eds., *Contemporary Criminological Theory*. Dartmouth Publishing Co., 1994.

SAMPSON, R.J., RAUDENBUSH, S.W. & EARLS, F. **Neighborhoods and Violent Crime: A Multilevel Study of Collective Efficacy**. *Science*. Vol. 277, 1997. pp. 918-924.

SANTOS, Hermílio. **Pesquisa Infância e Violência: cotidiano de crianças pequenas em comunidades do Recife Santo Amaro**. *Centro de Análises Econômicas e Sociais (CAES-PUCRS)*: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

SHAW, C. R.; MCKAY, H. D. **Juvenile delinquency and urban areas**. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

SILVA, Bráulio F. A. **Coesão Social, Desordem Percebida e Vitimização em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil**. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004

SILVA, Bráulio F. A. da.; BEATO FILHO, C. C. *Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime*. **Rev. bras. estud. popul.** [online]. 2013, vol.30, suppl., pp. S155-S170. ISSN 0102-3098.

SILVA, Vívian. **Guerra e Vida Errada**: reflexões sobre representações (sociais) da violência urbana, a partir dos relatos de jovens em Santo Amaro. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

PARK, R. E.; BURGESS, E. W. **The city**. Chicago: Chicago University Press, 1925.

PRATES, Antônio A. P. *Redes sociais em comunidades de baixa renda: os efeitos diferenciais dos laços fracos e dos laços fortes*. **Revista de Administração Pública – RAP**. Rio de Janeiro, 2009. 30p. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v43n5/v43n5a07.pdf> Acessado em 10/08/2010.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. *Da divisão Territorial*. Disponível em:

http://www.recife.pe.gov.br/pr/leis/luos/solocapitulo_ii_da_diviso_territori.html
Acessado em 20/08/2015

VASCONCELOS, Thatiana Lima; DE SÁ, Lucilene A. C. M.. **A Cartografia Histórica da Região Metropolitana do Recife**. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/VASCONCELOS_THATIANA_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf Acessado em 15/08/2015